

## Justiça, mas com equidade

(Padre Manoel Bernardes: *Excerptos seguidos de uma notícia sobre sua vida e obras , um juizo critico, apreciações de bellezas e defeitos e estudos de lingua,* por Antonio Feliciano de Castilho, tomo I, 1ª Edição, 111-112, Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1885)

Padre Manoel Bernardes

**Equidade, que não é outra cousa que o dictame da razão natural na mente ou consciencia do bom varão, obrigado a mitigar a lei quando é necessario, deve-o juiz ter diante dos olhos, todas as vezes que condemna ou absolve; e no principio do seu officio deve jurar de guardal-a; e por ella ha de interpretar os pactos; e por amor d'ella se ha de afastar ás vezes do que pede de si a natureza dos contractos, ou o teor das verbas do testador; e tambem outras vezes desprezar as solemni-dades que o direito pedia; e finalmente ha de fazer conta que a justiça é regua, não de bronze, nem de chumbo, mas de madeira; não de bronze, porque este nunca dá de si, nem 'cede; não de chumbo, porque tambem amolga facilmente, e assim amolgado fica; mas de madeira, porque nas occasiões que é neces-sario averga e se arquêa, e logo por si torna a endi-reitar-se.**

**Isto supposto, formo d'aqui o argumento para o nosso ponto. Se a equidade ha de estar tanto na mente do juiz, porque ha de estar tão pouco no coração do acre-dor? E se o juiz ha de usar de regua de páo, porque**

ha de o acredor usar só da de bronze? Porque ha de só attender ás razões da justiça com que requer o devedor diante do juiz, e nunca ás da misericordia com que o requer o devedor diante de Deos? De que serve opprimir e afogar ao miseravel, quando, por mais que o apertem, não paga, porque não tem; ou se vem a ter, é só variando de cruzeiros, e fazendo calvarios? Vemos esse tronco e cadêas, cheias de gente miseravel, que quasi não tem de comer, nem com que se cubra, e topa a sua liberdade muitas vezes no em que topava (ou ainda menos) a d'aquelle devedor do Evangelho, a quem seu acredor, lançando-lhe as mãos á garganta, queria afogar, que erão quatro mil réis. Por ventura o afogal-o era melhor arbitrio para cobrar d'elle, do que o esperar-lhe, como elle prostrado a seus pés lhe rogava? Por ventura a fome do pobre é prato do rico? Ou o padecer aquelle é arrecadar este? Queremos acaso renovar aqui, por outro modo, aquillo que fez o impérador Frederico, quando oppugnava Italia, que á falta de dinheiro para os soldos mandou acunhar moeda de couro, para que á vista d'ella pagasse depois quando tivesse? Queremos, digo, renovar este arbitrio, fazendo dinheiro do couro do pobre entalado na cadêa? Oh! saibamos fazer da necessidade, não digo já virtude, mas ainda conveniencia; que ass.z conveniencia é escusar-se a demandas, poupar despezas de dinheiro e de tempo, que são mais consideraveis, conservar amigos e obrigados, e ter melhor e mais seguramente armada a conta para com Deos, quando a pedir do que lhe devemos.